

O SER CRIANÇA E VIVER A INFÂNCIA NA ESCOLA: O QUE DIZEM E PENSAM AS CRIANÇAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DA REGIÃO DO AGRESTE PERNAMBUCANO

Amanda Freitas Souza¹; Conceição G. Nóbrega Lima de Salles²

¹Estudante do Curso de Pedagogia - CAA - UFPE; E-mail: amanda.freitasuag@hotmail.com

²Docente/pesquisador do Depto de Núcleo de Fomação Docente – CAA – UFPE. E-mail: cgislane@terra.com.br.

Sumário: Reconhecer as singularidades infantis, especificamente no contexto da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, tem se constituído um desafio da educação brasileira. As amplas reformas que ocorreram nos últimos anos, sobretudo, referente a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, acabaram por problematizar o lugar da criança, infância e da sua educação. Assim, partindo do descentramento do olhar do adulto sobre esta questão, desenvolveu-se a pesquisa intitulada: *A Infância pelo olhar das crianças: um estudo nas Escolas Municipais da Região do Agreste Pernambucano*¹. Objetivando através do desenvolvimento dessa pesquisa compreender os sentidos e os significados veiculados entre as crianças da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no que diz respeito à infância no contexto escolar. Do ponto de vista teórico, partimos da problematização da própria noção de infância e sua educação e buscamos dialogar com autores como Canavieira e Caldeiron (2011); Oliveira-Formozinho e Araújo (2008);Kramer (2007); Sarmiento e Pinto (1997); Kohan (2003), dentre outros. Como campo empírico, delimitou-se Pré-escolas e escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental das Redes Públicas Municipais da Região do Agreste/PE, especificamente das cidades Toritama e Belo Jardim. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se observações e entrevistas semiestruturadas com crianças das referidas instituições. Em linhas gerais, nossa pesquisa sinalizou a necessidade de uma ressignificação da infância tanto no contexto da educação infantil como no primeiro ano dos anos iniciais. Em sua maioria, as crianças indicam que a escola se mostra voltadas excessivamente para o reconhecimento e memorização das letras e números e marcado por uma lógica e uma cultura mais “escolarizante”, minimizando outras dimensões neste processo. Neste sentido, se faz urgente repensar criticamente no alcance de uma rotina caracterizada apenas por uma produção de atividades técnicas e valorizar as potencialidades infantis naquilo que ela é. Partindo-se das análises empreendidas pode-se pontuar de antemão que a ênfase na aprendizagem conteudista, com maior intensidade no Ensino Fundamental, tem minimizado o lugar da infância na escola. A partir das reivindicações expressas nas vozes das crianças fica evidente a urgente necessidade repensar o fazer e o aprender no cotidiano escolar das crianças atentando, sobretudo para o lugar da criança e da infância nesse contexto.

Palavras-chave: educação infantil; ensino fundamental; infância;

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco principal problematizar o lugar da infância no contexto escolar. Para tanto, temos que nos remeter a um passado em que esse conceito não existia e as crianças eram igualmente tratadas como os adultos. Ou seja, tinham os mesmos tratamentos, aos quais os adultos eram submetidos. Somente em meados do século XVI, foi que começou a ser trabalhado o termo infância, com regimentos que garantiam as crianças o direito de se constituírem como tal.

Há uma variedade de noções de infância existente na sociedade. Essas noções, conforme Sarmiento (1997) foram construídas historicamente. Existem tanto aquelas que

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e tecnológico – coordenado pela profa. Dra. Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles.

primam o que a criança é, como as que valorizam o que a criança não é. E é justamente essa última concepção que habitualmente tem permeado o âmbito escolar e acarretado consequências para as crianças.

As próprias pesquisas desenvolvidas na área têm tomado como fundamento o ponto de vista do adulto sobre o da criança. Quando se pensa em questões sobre a mulher, idosos, ou jovens, indaga-se respectivamente estes sujeitos, todavia quando se pensa em questões sobre a infância não se faz da mesma forma. Tendencialmente prefere-se falar sobre as crianças, que falar com as crianças.

Contudo, diversas pesquisas vêm crescendo, onde as mesmas estão relacionadas ao campo de estudo da infância, com diversos temas e em várias áreas. Um aspecto estruturante na formulação da problemática desta pesquisa diz respeito às modificações geradas a partir da ampliação do Ensino Fundamental para nove anos. Reforma que trouxe para a ordem do dia o debate sobre a infância na escola. Pois, inserir as crianças aos seis anos no Ensino Fundamental, implica em uma revisão da proposta pedagógica a fim de que a transição não implique em rupturas.

Outra questão determinante na construção do nosso problema de pesquisa, refere-se, ainda a inquietação de como as crianças entendem e se percebem nesse processo educacional, uma vez que um dos grandes impasses atualmente- frente à meta de expansão do acesso das crianças à escola- não se resume a qualificar o cuidado e a educação das crianças, mas também em garantir a afirmação da infância e de suas singularidades nos processos pedagógicos vividos pelas crianças.

É neste sentido, que em linhas gerais, a pesquisa se propôs abordar questões relativas a infância, e como ela se constitui e se dá, sobretudo, no âmbito escolar. Indo além das discussões já produzidas sobre elas, essa pesquisa tem o objetivo de dar voz às mesmas. Tendo em vista que elas são consideradas sujeitos que contribuem para a construção de conhecimento, procuramos entender como elas se sentem e se vêem como crianças e como elas vivem sua infância e o que isso significa para as mesmas.

MATERIAIS E MÉTODOS

A escolha da nossa abordagem de pesquisa e dos procedimentos de coleta e análise dos dados foram condicionados pelo nosso objeto de estudo, infância. A pesquisa foi desenvolvida na Região do Agreste do estado de Pernambuco, especificamente em escolas da Rede pública Municipal. Em termos de verificação empírica, delimitamos como nosso campo investigativo as escolas dos municípios: Toritama e Belo Jardim (localizados nas seguintes microrregiões do Agreste: Alto Capibaribe e Vale do Ipojuca). Como campo de pesquisa, contamos com o estudo desenvolvido em duas escolas de cada município, sendo uma da Educação Infantil e outra dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Os sujeitos principais desta pesquisa foram crianças² dos referidos níveis de ensino destacados. Como procedimento inicial para coleta e produção de dados, lançamos mão de observações do cotidiano escolar. Posteriormente efetivamos entrevistas semiestruturadas com as crianças. por meio de rodas de conversas com crianças com idade de 4 à 6 anos, visando mapear um perfil mais abrangente dos sentidos acerca da infância.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Os sujeitos desta pesquisa serão identificados por nomes fictícios, alguns escolhidos pelos próprios sujeitos, a fim de preservar a identidade dos mesmos. Assim, crianças de Belo Jardim obterão seguido do nome entre parênteses a abreviação (BJ), bem como crianças de Toritamaterão a abreviação (T). Para identificação do nível de ensino antes das abreviações constará: EI – referente a Educação Infantil e EF - Referente ao Ensino Fundamental.

As escolas de atendimento Infantil devem adequar-se quanto à especificidade do público ao qual atende. Desde a estrutura física ao cotidiano escolar. Porém, a estrutura física das escolas campo de estudo demonstrou-se inadequada para a movimentação necessária das crianças na escola. Isso se deve em grande parte pelo fato de que as referidas instituições funcionam em casa-escola. Quanto à rotina escolar as crianças por unanimidade descrevem, ao seu modo, a mesma sequência de atividades realizadas. Basicamente: reza, atividade, recreio, atividade, às vezes, apenas na Educação Infantil, havia música após a reza. Em linhas gerais, caracteriza-se pelo enquadramento e padronização que possui, não oportunizando a abertura de espaços para a espontaneidade, a novidade, a criação e a diferença.

O foco na aprendizagem conteudista, visando os resultados tem diminuído o lugar da ludicidade no cotidiano escolar. Na realidade estudada, o brincar tem hora para acontecer. Houve dias que algumas crianças que traziam de casa seus brinquedos e que interagem com eles durante as aulas eram chamadas a atenção pela professora que os tomava e colocava no birô, afirmando não ser à hora de brincar.

Conforme as crianças, o que mais gostam de fazer na escola é brincar e o que menos gostam é estudar, mas como seriam suas respostas se pudessem estudar brincando? David (BJEF) pode contribuir com essa indagação, ele diz: “O importante é ter educação, ter brinquedo, ta faltando só brinquedo”. Em Toritama, as crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental colocam, justamente nos brinquedos e nas brincadeiras, a diferença marcante em relação à escola anterior, ou seja, a Educação Infantil. Desse modo, é precisamente a brincadeira, ou melhor, a falta dela que gera por vezes tanto descontentamento das crianças no processo de ensino-aprendizagem:

Na ota era tão bom, eu to com sadade de Michele...ela brincava também brincava cum noi, contava historinha...só essa que fai um texto, mas a outas não fazia, fazia um bem pequenininho porque noi era pequenininho ainda (Bem 10 – TEF), a outra escola tinha um monte de brinquedo...a gente brincava com a outra tia, lá na outra escola (Mulher Maravilha – TEF).

Os dados apontam que as escolas, tanto da Educação Infantil como do Ensino Fundamental, pautam-se numa perspectiva futurista em relação à infância. O que é levado em consideração referente ao infante não é o que possui, mas o que lhe falta, neste contexto a criança só torna-se um ser completo, digamos assim, no futuro quando adulto. Assim, estão na Educação Infantil, mas com todo um trabalho voltado para o primeiro ano do Ensino Fundamental, e neste último nível preocupados com os níveis subseqüentes. Além do que são cobrados das crianças comportamentos de adultos e muitas vezes responsabilizadas como tal, de maneira que elas mesmas se cobram, como percebemos nos relatos abaixo: Erik(BJEF): “... tem q fazer tarefa, pra a gente ser alguém quando crescer, e trabalha.” Clécio (BJEF): “... aprendo a ler, escrever a ser alguém na vida”

CONCLUSÕES

Em linhas gerais, nossa pesquisa sinalizou a necessidade de uma ressignificação da infância tanto no contexto da educação infantil como no primeiro ano dos anos iniciais. O foco na aprendizagem conteudista, apresenta-se como sendo majoritário na rotina das crianças. Em sua maioria, as crianças indicam que a escola se mostra voltadas excessivamente para o reconhecimento e memorização das letras e números e marcado por uma lógica e uma cultura mais “escolarizante”, minimizando outras dimensões neste processo. Neste sentido, se faz urgente repensar criticamente no alcance de uma rotina caracterizada apenas por uma produção de atividades e valorizar as potencialidades infantis naquilo que ela é e não na perspectiva futurista e adultocêntrica. Em suma, os dados

cotejados revelaram que a infância vivenciada na escola pelo olhar das crianças é uma infância reduzida diante das cobranças e imposições impostas. A partir das reivindicações expressas nas vozes das crianças fica evidente a urgente necessidade repensar o fazer e o aprender no cotidiano escolar das crianças atentando, sobretudo para o lugar da criança e da infância nesse contexto.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro de Acadêmico do Agreste, por ceder as instalações para o desenvolvimento da pesquisa, ao CNPq por fornecer recursos que subsidiaram as despesas, a Professora Conceição Salles, pelas orientações. As crianças e escolas, por participarem e nos permitir realizar a pesquisa.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por amor e por força: rotinas na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário da união, Brasília, DF, 23 dez. 1996. P. 27894.

CANAVIEIRA, Fabiana O. (2010).A educação infantil no olho do furacão: o movimento político e a contribuição da sociologia da infância. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

CALDEIRON, Ana Claudia (2009).Eu sou como você me reconhece;as relações entre bebês numa creche publica de Campinas. Trabalho (Conclusão de Curso- Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas.

MUSATTI, Tullia (1998). “Modalidades e problemas do processo de socialização entre crianças na creche”. In: BONDOLI, Anna; MANTOVANI, Susanna. **Manual de educação infantil: de 0 a 3 anos**. 9. Ed. Porto Alegre, pp189-201.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica: 2003.

OLIVEIRA- FORMOSINHO, J. (2007). “Pedagogia(s) da infância: Reconstruindo uma práxis de participação”. In J. Oliveira-Formosinho, T. Kishimoto e M. A. Pinazza (orgs.), **Pedagogia(s) da infância: Dialogando com o passado, construindo o futuro**, pp. 13-36. Porto Alegre: Artmed.

PINTO, Manuel. SARMENTO Manuel (Orgs). **As crianças: contextos e identidades**. Braga. Centro de Estudos da Universidade do Ninho, 1997.

KRAMER, S. Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie. In: BAZÍLIO, L. e KRAMER, S. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

PINTO, M.; SARMENTO, M.J.(coords.) **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.